

O PALEOPOVOAMENTO NA REGIÃO SETENTRIONAL DO CONCELHO DE LOUSADA (LUSTOSA): Contributos para um inventário

Os *espaços de habitat* identificados nas áreas elevadas da região noroeste do concelho de Lousada, em concreto na freguesia de Lustosa, correspondem a sítios arqueológicos conotados com assentamentos de diferentes comunidades humanas que, definindo estratégias distintas de ocupação da paisagem e de arquitetura urbana, se fixaram no atual território da freguesia, entre o II^o milénio a.C. e século III/IV d.C. Conquanto de expressão reduzida, os vestígios arqueológicos apontam leituras que encontram suporte à escala concelhia, corroborando interpretações anteriores acerca das malhas do paleopovoamento em todo o território do vale do Sousa e do Mezio.



voado que se enquadra temporal e culturalmente na Fase II (talvez entre os séculos II e I a.C.) da periodização proposta por Armando Coelho (Silva, 1986), situação que, de resto, havíamos firmado em 2008 (Nunes et al, 2008:42), quando sugerimos, na esteira de Manuel Martins (1990:206), um período *optimum* de ocupação dos povoados da Idade do Ferro conhecidos para o vale do Sousa e alto Mezio.

Com a definitiva ocupação romana da Península Ibérica no século I a.C. assiste-se a uma gradual, mas irreversível, alteração no quadro do povoamento. Para além de um movimento de dispersão das populações indígenas romanizadas, que dará corpo a um *povoamento castrejo disperso* e determinará um novo modelo de ocupação, totalmente distinto do anterior, em que pequenos aglomerados de lavradores indígenas (casais), se fixam em terreno aberto, mais ou menos distanciados dos seus povoados de origem (Almeida, 2005:88-90), verifica-se um reordenamento territorial decorrente, sobretudo, do desenvolvimento da administração romana e da emergência de novos centros urbanos, como é o caso do vicus termal e viário de *Oculus* (Caldas de Vizela), situado no eixo da via *Bracara - Emerita Augusta* (Carvalho, 2008:44). Será a partir de *Oculus* que irradiarão os impulsos económicos e culturais que tecerão a rede de *villae*, granjas e casais que, entre as terras baixas do vale do Vizela e as cumeadas da cabeceira do rio Mezio e da ribeira de Sá, que configurarão a rede do povoamento rural romano da região (Pinho, 2009:75) materializado através de casais rústicos, alguns deles com ocupação que perdurará até à Alta Idade Média.

CABEÇO DA AGRELA (LUS_25)

Povoado Idade do Bronze Final / Coord.: 41°20'33.0" / 08°19'35.8" / Atl.: 474m

No extremo noroeste da freguesia de Lustosa, num cabeço destacado e coroado por uma ampla plataforma aplanada com cerca de 1,5 ha foram detetados vestígios materiais ceramológicos (pequenos bojos correspondentes a peças de olaria doméstica, de fabrico manual e morfologia indeterminada, com pastas de coloração variada, entre o castanho e o cinzento-escuro, com presença de elementos micáceos de reduzido calibre, marcas de alisamento e/ou bruido

exterior, bem como evidência de prolongada exposição ao fogo) e líticos (núcleos e uma ponta de seta em sílex). A ausência de indícios perceptíveis de estruturas defensivas e de habitat, erigidas com materiais pétreos, sugere a presença de um povoado aberto com uma ampla dominância sobre a região do vale do rio Vizela e da cabeceira do rio Mezio. Pese embora a reduzida expressão dos vestígios detetados e dos problemas levantados por uma balização crono-cultural baseada em recolhas de superfície, parece segura a inclusão do povoado do Cabeço da Agrela no rol dos assentamentos ocupados pelas comunidades humanas do Bronze Final (Nunes et al, 2007b:1-4; Nunes et al, 2008:133).



FIGURA 2 Ortofotomapa Escala 1:2000 (CML) com a implantação do povoado do Cabeço da Agrela (dispersão de vestígios e acrópole).

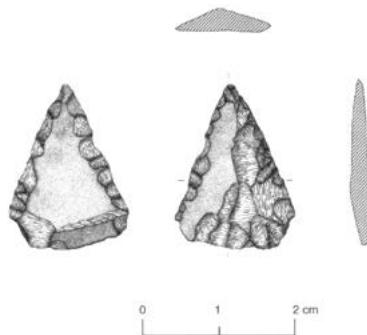


FIGURA 3 Desenho de ponta de seta em sílex (Carlos Gonçalves).

CASTRO DE SÃO GONÇALO (LUS_26)

Povoado da Idade do Ferro / Coord.: 41°19'30.44" / 08°19'36.05" / Alt.: 465m

No extremo oeste da freguesia de Lustosa (Lousada) situa-se um outeiro de dimensão média com uma ampla dominância sobre o vale da Ribeira de Carvalhosa. Trata-se de um cabeço com vestígios de um assentamento humano da Idade do Ferro (Silva, 1986:84; Nunes *et al*, 2007a:1-4; Nunes *et al*, 2008:134) em cuja acrópole atualmente se encontra uma capela de evocação a São Gonçalo. Segundo Armando Coelho, o povoado apresentaria três linhas de muralhas, sendo os vestígios cerâmicos escassos e compostos por alguns fragmentos de cerâmica de pasta grosseira e micácea. Apesar de não ter sido possível confirmar a presença do alegado sistema defensivo identificado pelo autor, evidências topo-



FIGURA 4 Ortofotomapa Escala 1:2000 (CML) com a implantação do Castro de São Gonçalo [dispersão de vestígios e acrópole].

gráficas na vertente sul do povoado sugerem a existência de, pelo menos, um fosso defensivo. Os fragmentos cerâmicos recolhidos correspondem a bojos de peças de uso comum, de forma indeterminada e pasta micácea cinzenta-acastanhada de tradição indígena, e ainda a elementos relacionados com a técnica de fiação com fuso (*cossoiro*). Trata-se de uma peça semiesférica de pasta castanho-clara, bem depurada, e diâmetro de 3 cm com perfuração central e concavidade na parte superior. Nos líticos salienta-se a recolha de um machado de pedra polida.



FIGURA 5 Cossoiro em cerâmica recolhido no Castro de São Gonçalo.



FIGURA 6 Machado de pedra polida recolhido no Castro de São Gonçalo.

CASAL DE SÃO MAMEDE

Casal romano / Coord.: 41°20'13.8" / 08°17'45.5" / Alt.: 331m

Numa plataforma de meia encosta sobre o vale do rio Porto foi detetado um conjunto de materiais cerâmicos e líticos associados a um espaço de habitat. Os vestígios ceramológicos de tradição romana recolhidos são constituídos, maioritariamente, por material de construção (*tegulae*, *imbrices* e um provável fragmento de tijolo), alguns, poucos, fragmentos de cerâmica doméstica (fundos e bojos) e ainda um amolador lítico, sugerindo a presença, neste local, de um casal agrícola (Nunes e Lemos, 2013:47). No raio de 150 m, foram detetados vestígios medievais de uma via (caminho da Ermida) e de um templo (Capela de São Mamede), este último mencionado documentalmente desde o século XI. Embora a ocorrência de vestígios romanos seja inédita na freguesia de Lustosa, a sua existência, tanto a montante (no vale do rio Mezio), como a jusante (vale do rio Porto e ribeira de Sá) encontra-se largamente documentada sustentando a ideia

de um *continuum* ocupacional romano na região setentrional do concelho de Lousada desde, pelo menos, o século III d.C., altura em que a sua presença se firma definitivamente.



FIGURA 8

Fragmento de fundo de um pequeno pote recolhido na área de implantação do Casal de São Mamede.

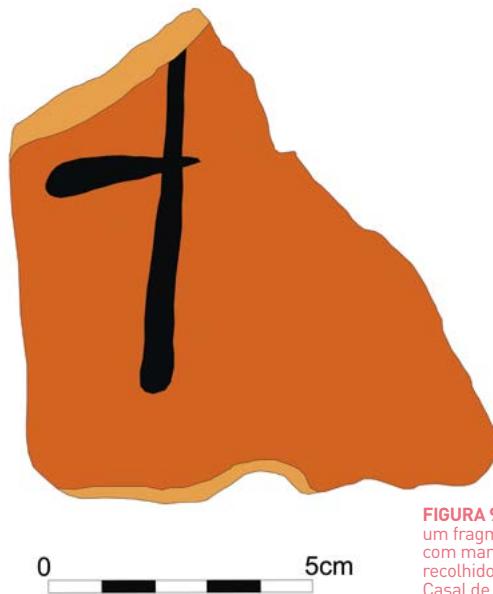


FIGURA 9 Desenho de um fragmento de *tegula* com marca de oleiro recolhido na área do Casal de São Mamede.



FIGURA 7 Ortofotomapa Escala 1:2000 (CML) com a implantação da área de dispersão de vestígios do Casal de São Mamede.

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.B. (2005). - Alterações no povoamento indígena no início da romanização. Ponto da situação no conventus bracaraugustanus. *Boletín Avriense*. Museu Provincial de Orense, p.77-93.
- BETTENCOURT, A.M.S. (1995). Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. *A Idade do Bronze em Portugal: discursos de poder*. IPM/MNA, p.110-115.
- CARDOSO, J.L. (2002). *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARVALHO, H.P.A. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Braga: ICS/UM.
- DINIS, A.P. (2001). O povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Mondim de Basto, Norte de Portugal). Monografias. *Cadernos de Arqueologia*. 13. Braga: UM.
- JORGE, S.O.J. (1990). Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. *Nova História de Portugal*. Vol. I. (Coord. J. Alarcão). Lisboa: Editorial Presença, p.213-251.
- MARTINS, M. (1990). O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do Curso Médio do Cavado. *Cadernos de Arqueologia*. Monografias. Braga.
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2007a). O povoamento da Idade do Ferro no concelho de Lousada: apontamentos para uma análise do território. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 8. 3ª Série. N.º 44. Lousada: CML, p.1-4.
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2007b). Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Lousada: vestígios da Idade do Bronze na bacia superior do Mezio. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 8. 3ª Série. N.º 47. Lousada: CML, p.1-4.
- NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008). Carta Arqueológica do Concelho de Lousada. Lousada: CML
- NUNES, M. e Lemos, P. (2013). *Lustosa: património e identidade*. Lousada: JFL
- NUNES, M. e LEMOS, P. (2015). Povoado das Pedras Brancas (Santo Estêvão de Barrosas): novos dados sobre o Calcolítico e a Idade do Bronze no concelho de Lousada. Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 16. 4ª Série. N.º 137. Lousada: CML, 21-25.
- PINHO, J.M.R. (2009). *O Iº milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave*. *Dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: FLUL.
- SILVA, A.C.F. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: CMPF.